

# INTRODUÇÃO AO PROBLEMA DO MÉTODO: ENSINANDO FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Yure César de Moura Almeida  
yure22@bol.com.br

**Resumo:** A filosofia vem e volta do currículo escolar obrigatório, prejudicando o estabelecimento de um método sólido que oriente os professores de ensino básico na ministração de uma disciplina tão singular. Ao longo da história de ensino de filosofia para crianças e adolescentes, três métodos foram tentados: o estruturalismo, o tematismo e o tematismo novo, ou oficina de conceitos. O estruturalismo, com foco na compreensão do texto filosófico, torna a aula uma lição de exegese textual, o que pode ser produtivo em diversos aspectos, mas é tedioso e forçado. O tematismo, com foco no tratamento filosófico de um tema do cotidiano, é mais interessante, mas muitas vezes não dispomos de material para tratar assuntos pertinentes ao aluno. O tematismo novo tenta sintetizar os dois momentos, estabelecendo que devemos partir de uma intersecção entre assuntos pertinentes ao aluno e assuntos tratados suficientemente pela tradição, dividindo a aula em momentos previsíveis de sensibilização, problematização, leitura e reflexão.

**Palavras-chave:** Filosofia. Estruturalismo. Tematismo. Gallo. Ensino.

**Abstract:** Philosophy comes and goes from the mandatory school curriculum, harming the

establishment of a solid method to guide the basic teachers in the ministry of such a singular discipline. Throughout the history of the philosophy teaching to children and adolescents, three methods were tried: structuralism, thematic and new thematic, or concept workshop. The structuralism, with focus on the philosophical text, turns the class into a textual exegesis lesson, which can be productive in several aspects, but is boring and forceful. The thematic, with focus on the philosophical treatment of an everyday theme, is more interesting, but we don't have the material sometimes to philosophically treat subjects that are pertinent to the student. The new thematic tries to synthesize the two moments, establishing that we should start from a intersection between pertinent subjects to the student and subjects that were sufficiently treated by tradition, dividing the class in predicable moments of sensitization, problem elucidation, reading and reflection.

**Keywords:** Philosophy. Structuralism. Thematic. Gallo. Teaching.

## 1. Introdução

**A**prender é um desejo intrínseco ao ser humano. E a filosofia, não como atitude, mas como corpo de conhecimentos produzidos até agora, é talvez o tipo de conhecimento mais útil ao crescimento pessoal e ao desenvolvimento de uma personalidade crítica. Com a proposta do ensino médio de formar um cidadão “completo”, a filosofia tornou-se necessária como um conteúdo obrigatório nessa fase do aprendizado.

Este trabalho visa uma explicação dos três métodos atualmente usados para ensinar filosofia no Brasil, a fim de compará-los e verificar qual deles se sai melhor na sala de aula do ensino médio público.

Os métodos são o estruturalismo, o tematismo e o tematismo novo, ou oficina de conceitos. O estruturalismo é a análise de um texto filosófico, para uma compreensão dele e sua apropriação correta. Ele implica a absorção de uma bagagem cultural que deve ser adquirida antes do contato com o texto. É um esforço de entender exatamente o que o autor quer dizer, decompor sua obra e juntá-la novamente, entendendo sua **estrutura** interna e sua posição na estrutura de pensamento do autor, comparando-a com outras obras.

O tematismo é uma aula mais dialogada, na qual o professor tenta tratar filosoficamente um assunto do cotidiano. Partindo de um tema vivido pelos alunos, procuramos entender como a tradição filosófica se posiciona diante do problema. Ele não abre mão totalmente do texto filosófico. Os detalhes da aula ficam a cargo do professor, na medida em que ele não se desvie desse ideal de tratar um tema pertinente aos alunos de maneira filosófica.

O tematismo novo parte da intersecção entre assunto tratado pela tradição e

assunto vivido pelo aluno. Para adereçar o problema de uma aula muito solta, o tematismo novo a divide em quatro momentos, organizando a já existente prática do tematismo.

## **2. Estruturalismo**

O estruturalismo é o método de estudo que segue obras filosóficas. Ele é pautado principalmente no texto e em sua interpretação. Numa aula estruturalista, o professor discute um texto com os alunos, procurando entendê-lo com eles, para então sondar o nível de absorção do texto filosófico por parte dos alunos. Este método nem sempre é bem empregado, como se verá.

### **2.1. Vantagens**

Verificar a evolução do pensamento filosófico a partir de determinado período e região permite que o pensamento do aluno se adapte às ideias filosóficas mais simples, para progredir às mais complexas conforme segue o curso, o que torna a assimilação mais fácil.

O estruturalismo permite um aprofundamento maior em determinado assunto. Através do seccionamento da história da filosofia em filósofos, de filósofos em temas, de temas em obras, cada parte tem seu lugar e é estudada em separado antes de ser reunida com as outras para formar um todo orgânico.

Pelo diálogo do aluno com a história da filosofia, ele pode construir seu próprio pensamento, pela crítica e pelo acordo com determinado texto. Sendo também um método que é focado no texto e nos aspectos que o gravitam, ele pode ser introduzido ao contexto histórico e cultural no qual a obra está inserida.

Sem rodeios, o método coloca o aluno em contato com a história da filosofia e seus problemas. Ele é direto o bastante para permitir avaliações objetivas, o que facilita o trabalho do professor.

### **2.2. Desvantagens**

Dentre os problemas do estruturalismo, podemos citar que ele descaracteriza o curso de filosofia. Como o foco é o entendimento do texto e às vezes é preciso entender o autor anterior antes de estudar determinada obra, o estruturalismo recorre frequentemente à

ordem cronológica de assuntos. Na sala de aula do ensino médio, em que somos impelidos a lecionar vários conteúdos, uma abordagem estruturalista acaba começando nas origens e nos pré-socráticos (primeiro ano), terminando em Hursel e Wittgenstein (terceiro ano). Lecionar assim torna o curso de filosofia algo parecido com o curso de história, o que poderia incentivar a simples memorização e o tédio, que pode prejudicar a atenção dos alunos, tirando inclusive o aspecto crítico da filosofia.

Outro problema é que ensinar filosofia cronologicamente descontextualiza a filosofia da vivência do aluno. Reduzir a filosofia a sua história é desnecessário e não atende às expectativas. Tales de Mileto, por exemplo, não tem correspondência na vida da maioria dos adolescentes, então uma aula sobre ele seria monótona, tomada por obrigação curricular. Se os alunos não estudarem temas que lhes têm relevância, eles sentirão tédio, talvez até odeiem estudar filosofia, não pela matéria, mas pelo método utilizado. Eles criam aversão à filosofia.

Por último, não menos importante, o aluno pode pensar que o filósofo seguinte é melhor que o anterior, o que não necessariamente é verdade. Essa atitude é natural, se encaramos a filosofia como uma produção histórica que progride positivamente.

### **2.3. Ajustes**

Considerando que o foco do estruturalismo é o entendimento do texto, sendo que o texto só pode ser entendido caso o aluno tenha uma determinada bagagem cultural que permite esse entendimento, aulas estruturalistas acabam seguindo a história da filosofia como referencial. Um curso assim é muito puxado para o ensino médio, além de que não há tempo para tal coisa.

O estruturalismo teria que partir de temas para funcionar. Se, em vez de examinarmos toda uma obra, nos focarmos no posicionamento da obra em apenas um tema, a bagagem cultural necessária será menor. Além disso, se o tema for interessante, os alunos prestarão mais atenção. Feitos esses ajustes, o estruturalismo passa para o estágio de tematismo.

### **3. Tematismo**

O tematismo propõe outra coisa: partir de temas filosóficos em vez de usar a história da filosofia como referencial. Esse método é indicado pela *Escola Aparente*. Utilizando temas que partem dos alunos, a aula fica mais interessante e o conteúdo é melhor

assimilado. Além disso, esse método dá mais liberdade ao professor, porque ele não precisa seguir uma ordem específica de temas e nem explorar toda uma obra filosófica, podendo usar apenas os parágrafos relevantes ao tema, fazendo uma colagem comparativa de parágrafos de diferentes obras sobre o mesmo tema.

### **3.1. Vantagens**

A aula é mais dialogada, pois o professor precisará conhecer os alunos a fim de escolher os temas que lhes interessem. Ela também será mais interessante, pois parte de temas que os alunos enfrentam. Isso porque só somos encorajados a pensar quando verificamos que há um problema e o sentimos. Então, se o problema é do aluno, ele quererá ver o que a filosofia tem a dizer sobre seu problema. Em adição, por causa do interesse aumentado, os alunos participarão mais, perguntarão e responderão mais. Por último, eles tomam postura reflexiva, pois entrarão em contato com o que a filosofia pensa sobre esses temas que lhes despertam interesse.

### **3.2. Desvantagens**

A desvantagem mais óbvia é a de que o professor precisa saber o que interessa aos alunos, além de estar disposto a ignorar algumas diretrizes curriculares, o que nem sempre pode ser feito.

Uma das menos óbvias é o fato de que a filosofia tem uma grande carga crítica. Quando um filósofo contradiz um aluno em um tema que ele tem como pertinente, o efeito naturalmente desestabilizador pode criar um mal-estar entre professor e aluno. De fato, é preciso tolerar as opiniões diferentes, mas a refutação filosófica sobre, por exemplo, a existência ou não de Deus pode causar um estrago, fazendo a aula descender ao nível de contenda entre aluno e professor ou ainda entre os próprios alunos. O controle da aula poderia ficar difícil se o professor não expor diferentes argumentos sobre um mesmo tema. Os filósofos que dizem “sim” devem ser comparados com os que dizem “não”, para que o aluno faça seu julgamento. Se apenas uma opinião é exposta, o professor está prejudicando a aula.

Por essa razão, existem temas que não convém ensinar. Se há “temas proibidos”, então a proposta de ensinar filosofia a partir de qualquer tema que interesse ao aluno não é possível. Isso porque não há material filosófico o bastante para temas muito íntimos de nosso tempo, ao menos não ao fácil alcance da mão. Os livros atuais de filosofia sobre

Internet, sexualidade, coisas que os alunos querem tratar, são raros e caros. O professor teria então que usar o livro didático, o que não é o ideal.

### **3.3. Ajustes**

Seria necessário que o professor fizesse o currículo filosófico, o que é permitido em algumas escolas. Para sanar o problema da parcialidade, o professor precisa expor tantos filósofos quanto o tempo da aula permitir, para que o aluno não seja exposto a uma só opinião sobre determinado tema, o que poderia causar um desastre. Porém, para tanto, é necessário ter o material. Então, devemos abdicar da proposta de tratar filosoficamente qualquer tema em sala de aula, passando a tratar somente os temas para os quais temos material o bastante.

É necessário que o aluno tenha contato com traduções das obras originais, mesmo que em forma de cópia, para praticar a leitura de texto filosófico. Porém, para evitar o problema do estruturalismo, o texto não deve ser integral, mas somente quatro ou sete parágrafos cruciais ao tema, a partir dos quais a reflexão pode começar.

## **4. Tematismo Novo**

Nascido do tematismo tradicional, temos o tematismo novo, ou “oficina de conceitos”, principalmente representado no Brasil por Silvio Gallo. A diferença principal em relação ao tematismo é a abdicção da pretensão de tratar qualquer tema: os temas têm que estar na intersecção entre aquilo que é tratado satisfatoriamente pela história da filosofia e aquilo que interessa aos alunos. Tudo o que houver nessa zona de intersecção é válido.

Outra grande diferença é a pretensão de transformar a aula em “experiência filosófica”. Para isso, os alunos passam pelo itinerário que um filósofo normalmente passa na composição de seus escritos: contato com o tema, elaboração da pergunta filosófica que orientará a prática, pesquisa por material já produzido sobre o tema e posicionamento sobre o tema. Assim, os alunos são sensibilizados, problematizam, pesquisam e conceituam.

### **4.1. Vantagens**

Mantendo o ponto forte do tematismo, que é o aumento do interesse do aluno, o pressuposto mais modesto de que, pelo menos em sala, não é qualquer tema que será tratado, mas somente os temas que foram tratados satisfatoriamente pela história da

filosofia (desde que interesse ao aluno), o tematismo novo organiza a aula temática em momentos previsíveis, que orientam o professor. Além disso, o tematismo tradicional tenta ser todo sensibilizante, como se a aula tivesse que manter o interesse a todo momento, mas o tematismo novo tem um espaço inicial para a sensibilização do aluno, de forma que ele possa se manter interessado depois desse momento sem a necessidade do professor sensibilizá-lo à medida que trata o conteúdo.

Assim, a grande diferença entre o tematismo novo e o tradicional é a organização da aula em etapas análogas ao processo filosófico e a aproximação modesta dos temas.

## **4.2. Desvantagens**

Este é um método que requer, como o tematismo tradicional, que o professor conheça o aluno. De um ponto de vista prático, é uma desvantagem, pois requer uma coisa a mais do professor. Além disso, por ser um método orientado por itinerário, ele requer controle do tempo. Quanto tempo usar na sensibilização? Ou quanto tempo devo requerer para a conceituação?

Porque conceitos filosóficos são ideias que demoram muito para amadurecer, os conceitos dos alunos não necessariamente serão ótimos logo no começo, o que é esperado. Então, dependendo do tempo destinado à conceituação, os conceitos podem sair pior do que o esperado. A habilidade do professor de controlar quanto tempo despende na sensibilização, na problematização, na investigação e na conceituação, mas sobretudo na primeira e na última etapas, é crucial.

## **4.3. Ajustes**

O pior problema do tematismo novo é o tempo despendido em cada etapa, o que é natural em métodos orientados por itinerários. Numa situação ideal, de aula geminada, despende vinte e cinco minutos em cada etapa parece perfeito. Porém, a etapa mais longa, a investigação filosófica, não pode ser feita em tão pouco tempo. Como Gallo admite que seu método deve ser adaptado, não precisando permanecer como está, a relativização dos passos pode ser uma saída.

Por exemplo, os alunos precisam tomar o problema como se fosse deles, o que é obtido na sensibilização. Ora, mas se é para os alunos assumirem o problema, por que não permitir a votação do tema? Assim, os alunos já viriam para a aula sabendo que tratariam de

um problema que os interessa. Isso também tornaria a problematização mais curta. Assim, ao término da aula anterior, votaríamos o tema da aula seguinte, o que deve tomar cinco minutos. Na aula seguinte, revelamos o resultado e elaboramos a pergunta, o que deve levar mais cinco minutos ou até dez minutos. Numa aula geminada, teríamos cerca de oitenta e cinco minutos para investigar e conceituar, o que é adequado numa aula para o ensino médio.

Outro problema com a sensibilização tradicional é a de que ela pode requerer certos recursos midiáticos (filmes, músicas...), o que, por sua vez, requer que o professor esteja a par das tendências culturais, o que já era recomendado.

## 5. Conclusão

O tematismo novo é o melhor que temos, por proporcionar o contato com o texto filosófico (embora não em estado integral), partir de temas (embora com pressupostos mais modestos) e por permitir que os alunos produzam seus próprios conceitos.

Isso supera os problemas tanto do estruturalismo quanto do tematismo, embora isso não torne o tematismo novo um método universal que seria válido no ensino superior e no fundamental. Se a filosofia se tornar obrigatória no ensino fundamental, o tematismo tradicional talvez obtivesse uma resposta melhor dos alunos, por ser menos puxado. Já o estruturalismo ainda encontra adeptos no ensino superior.

Porém, porque o tematismo novo é assumidamente provisório, o professor pode tomar a liberdade de adaptá-lo e modificá-lo conforme a necessidade. Ele é certamente o melhor dos três no ensino médio.

## Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo: Loyola, 2002.

ÁSPIS, R. L. ; GALLO, S. *Ensinar Filosofia: um livro para professores*. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009.

LIMA, M. C. W. ; AMORIM, R. F. *Escola Aprendente: ciências humanas e suas tecnologias*. Disponível em: [http://www.spaece.caedufjf.net/wp-content/uploads/2013/05/livro\\_escola\\_aprendente\\_ciencias\\_humanas\\_e\\_suas\\_tecnologia](http://www.spaece.caedufjf.net/wp-content/uploads/2013/05/livro_escola_aprendente_ciencias_humanas_e_suas_tecnologia)



[s.pdf](#)>. Acesso em:

LOUREIRO, C. ; SOARES, L. *Estratégias Metodológicas para o Ensino de Filosofia*.

Disponível

em:

<<http://www.sistemas.ufrn.br/shared/verArquivo?idArquivo=1139610&key=56337e820f09adb90d6b6600dfa0e9aa>>. Acesso em: .

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio, parte*

*IV*. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf>>. Acesso em: .